

E como vai o Português na China?

Macau chama a atenção por circunstâncias muito singulares. É uma cidade pequena e peninsular e foi colonizada por portugueses em terras chinesas. Possui uma área inferior a 20 quilômetros quadrados, incluindo a de duas ilhas, Taipa e Coloane. Nesse território vivem cerca de 540.000 mil habitantes, sendo que 90% são de etnias chinesas, 7% de estrangeiros e 3% de portugueses. Além do mandarim, o português é a língua oficial do país. Parte dos habitantes conhece ainda o patuá, um dialeto crioulo macaense, nascido com base no falar lusitano influenciado pelo contato com outras línguas e culturas. Em geral, Macau tem sido descrita como um complexo espaço, situado no contexto de vastos intercâmbios culturais e, por isso, tem motivado a reflexão de especialistas de áreas diversas acerca das possibilidades

de entendimento entre povos de diferentes culturas.

O exotismo macaense exerceu certo fascínio sobre alguns escritores portugueses que passaram na cidade temporadas de dedicação à literatura portuguesa e a estudos sobre a cultura local. Bocage, por exemplo, esteve ali 200 anos após Camões e escreveu odes, duas delas dedicadas a senhoras macaenses, “senhoras de grande linhagem e de grande beleza”. Cerca de 200 anos após Bocage, são duas professoras universitárias que se destacam por se dedicarem ao ensino e à divulgação da língua portuguesa em Macau. Confira a seguir entrevistas com as professoras Maria Helena Rodrigues e Maria Antonia Espadinha sobre a inserção da cultura e da expressão da língua portuguesa em Macau e as oportunidades para os profissionais das carreiras das Letras na Ásia e na Europa.



Bocage, escreveu odes, duas delas dedicadas a senhoras macaenses, “senhoras de grande linhagem e de grande beleza”.



BIOGRAFIA

A Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues é natural de Leiria, Portugal. Fez o curso primário e iniciou o secundário no final da década de 1950 e início dos anos 1960, respectivamente. Voltou para Lisboa, onde estudou e trabalhou até 1994. Em seguida, transferiu-se para Macau, onde trabalhou primeiramente como professora de Língua Portuguesa no Liceu de Macau. Devido à experiência, foi convidada para trabalhar como docente na Universidade de Macau. Como professora universitária conduziu ainda pesquisa sobre a aprendizagem da língua portuguesa em Macau, Pequim e Xangai. Concluiu sua tese de doutorado na Universidade de Birmingham, no Reino Unido, à qual se mantém ligada como Honorary Research Fellow. Foi também presidente do Instituto de Português no Oriente (IPOR) em Macau. Atualmente, está aposentada da docência, mas continua pesquisando. Em Portugal, é membro do Conselho Científico do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC). Dentre suas publicações e comunicações, destacam-se: *"A globalização da Língua Portuguesa e a Lusofonia"* (2001), *"Culturas de aprendizagem na didáctica de línguas estrangeiras."* (2001), *"A Universidade e a difusão da língua."* (2000), *"Línguas em contacto"* (1997)

Conhecimento Prático Língua Portuguesa — Você lecionou e trabalhou em diversas instituições que ensinam a língua portuguesa. O que há de comum e quais as divergências entre elas?

Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues — Creio que na oferta de ensino da língua há que distinguir, em primeiro lugar, os contextos institucionais em que ocorrem, sendo fundamental ter em consideração se falamos de cursos de língua integrados no currículo acadêmico ou cursos livres; de cursos generalistas ou de cursos específicos, dirigidos a públicos infantojuvenis ou adultos. As múltiplas motivações para a aprendizagem de uma língua estrangeira têm fortes implicações nas expectativas e no tipo de desempenho dos alunos, do mesmo modo que as condicionantes organizacionais dos contextos em que essa aprendizagem ocorre são determinantes nas opções programáticas e metodológicas de quem ensina. Nas instituições em que trabalhei, tive alunos que aprendiam português por escolha própria, em cursos livres de Língua e Cultura Portuguesas, e outros a quem o Português era imposto na estrutura curricular dos cursos, como aconteceu na Universidade de Macau. Considero fundamental para a planificação de cursos e o trabalho do professor a atenção às variáveis contextuais. Os objetivos, expectativas, representações, estilos de aprendizagem decorrem dos ambientes e são determinantes para o processo de ensino-aprendizagem.

CPLP — E como é dado o ensino de português, considerando esse panorama?

MARIA HELENA — A língua portuguesa é ensinada

por todo o mundo em situações muito distintas umas das outras. Embora exista uma instituição oficial responsável pela coordenação desse ensino, o Instituto Camões — e, até 2008, também o Instituto Português do Oriente, na região do Sudeste Asiático —, o trabalho desenvolvido no terreno, em escolas, universidades, centros culturais e outras instituições onde são ministrados cursos de Português, apresenta especificidades endógenas aos contextos. Isso faz com que não exista, na verdade, um ensino de Português como língua estrangeira, mas sim quase tantos como os cursos em oferta. Esta, aliás, é a tese que defendi no meu trabalho de Mestrado, partindo do estudo das variáveis contextuais do ensino de Português a aprendentes chineses em Macau (então ainda Território sob administração portuguesa) e na República Popular da China.

CPLP — Como você avalia a presença da língua portuguesa no Oriente, em termos de identidade cultural, representatividade e projeção na região?

MARIA HELENA — Não se pode falar de um Oriente que englobe países e regiões tão diferentes como China, Hong Kong, Tailândia, Malásia, Singapura, Vietnam, Coreia e Japão, deixando já de fora a Índia, que suponho não esteja no espírito da pergunta e, na verdade, em todos esses locais se aprende língua e cultura portuguesas. O caso particular de Macau, Território sob administração portuguesa até Dezembro de 1999 e, desde então, Região Administrativa Especial (RAEM) da República Popular da China, merece ser destacado no que respeita à língua portuguesa. O português é ainda, em Macau, língua oficial e foi a língua do poder administrante durante mais de quatro séculos,

embora a população chinesa falante de português sempre tenha sido muito reduzida e funcionasse em inúmeros aspectos da vida pública em ambiente perfeitamente sinófono, como acontecia com o ensino e a atividade comercial. Em termos identitários, a língua portuguesa é marca distintiva de uma pequena comunidade de luso-descendentes e contribui, sem dúvida, para a diferenciação da ERA de Macau no seio da China. A intensificação das relações econômicas da China com os países de língua oficial portuguesa, com destaque para Angola e Brasil, e o papel mediador que Macau tem desempenhado ao atuar como plataforma de intercâmbio comercial, mas também cultural, fez aumentar consideravelmente o interesse pela aprendizagem do Português em Macau e também na China. Relativamente aos outros países, é preciso olhar para cada um por si e procurar encontrar nas suas relações históricas e comerciais com Portugal e, cada vez mais, com os países de língua portuguesa como o Brasil e Angola, as razões para a maior ou menor implantação da língua portuguesa e das culturas dos povos que a falam.

CPLP — Quais são as peculiaridades do português em Macau?

MARIA HELENA — Existiu em Macau um patuá, crioulo de base lexical portuguesa, que desapareceu há muito do uso comunicativo, tendo ficado como sinal de pertença do grupo de macaenses que, ao longo dos séculos, pelas suas características de ilingüismo, desempenharam um importante papel de mediação entre o poder administrante português e a população chinesa. Também na pequena comunidade de luso-descendentes de Malaca, na Malásia, se encontram ainda alguns raros falantes do papiá cristão, outro dos diversos crioulos de origem portuguesa.

CPLP — O inglês foi fundamental para os chineses terem acesso ao mercado internacional e para o resto do mundo se comunicar com a China. Qual a sua opinião sobre a ideia de que Macau e a língua portuguesa venham a ser uma ponte entre a China e os países de língua portuguesa?

MARIA HELENA — A importância que tem hoje o inglês como língua de comunicação internacional não deve fazer-nos esquecer do que o passado nos ensinou. E nem o modo como desde sempre os povos foram se comunicando quer através de línguas francas, como o português foi na época do seu império marítimo e do domínio do comércio no Oriente, quer através de intérpretes/tradutores, quer pela difusão das línguas dos



povos mais poderosos. O valor

de uma língua é uma questão indissociável do peso dos países da sua origem, razão, aliás, para o predomínio da língua inglesa, que foi do Império Britânico e depois também dos Estados Unidos da América. E repare que o interesse da China no acesso ao mercado internacional não é com certeza maior do que o interesse dos outros países no acesso ao mercado chinês. E, como se sabe, fala-se a língua em que se vende. Macau já é uma ponte entre a China e os países de língua portuguesa e isso decorre precisamente da crescente importância do mundo lusófono no universo global. Brasil e Angola, onde é sabido que o inglês não é uma língua de grande implantação, impõem hoje à China e a outros países interessados em com eles se relacionarem o uso da língua portuguesa.

CPLP — Qual é o seu parecer sobre o mais recente acordo ortográfico entre os países de língua portuguesa?

MARIA HELENA — Parece-me não servir os interesses portugueses e obedecer, preferencialmente, a razões de mercado para as editoras brasileiras nos países africanos de língua portuguesa. De qualquer modo, foi precipitada a sua aprovação em Portugal, onde a contestação tem sido grande e bem fundamentada por parte de muita gente com créditos firmados na área da língua e da literatura, sem terem sido sequer criadas as condições para a sua aplicação efetiva.

CPLP — Como você considera a reação do mercado editorial de livros didáticos à língua portuguesa em Macau, Xangai e Pequim, regiões que pesquisou?

MARIA HELENA — Não há, salvos raríssimas exceções de uma ou outra universidade que publique um manual para os seus alunos, qualquer mercado editorial de livros didáticos que tenha alguma coisa a ver com a língua portuguesa, que eu saiba. Tanto quanto é do meu conhecimento, todos os manuais de língua portuguesa usados em universidades dos países que tenho vindo a mencionar são de edição portuguesa ou brasileira.



BIOGRAFIA

A Profa. Dra. Maria Antonia Espadinha nasceu em Beja (Vila de Frades), em Portugal. No início de sua carreira, foi professora no ensino médio em Portugal. Na década de 1970, fundou o leitorado de português na Universidade de Salzburg, Áustria, onde viveu durante 5 anos. Voltou para Portugal, onde trabalhou mais 15 anos como professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No início dos anos 1990 mudou-se para Macau, onde é professora catedrática convidada da Universidade de Macau. Em dezembro de 2007, recebeu do governo da Região Administrativa Especial de Macau o Título Honorífico de Prestígio pelo sua contribuição para o prestígio de Macau através da universidade. É autora de vários artigos sobre a língua portuguesa em Macau, sobre língua e multiculturalismo. Além disso, é tradutora do alemão para o português. Dessa atividade, destacam-se uma tradução comentada sobre *A Emperatriz Porcina*, de Baltazar Dias, e uma tradução do alemão para o português do romance *A Lição de Alemão*, de Siegfried Lenz. No momento está envolvida num projeto de pesquisa sobre os textos de teatro escritos em *patuá*.

CPLP — Como é o processo de ensino-aprendizagem de Estudos Portugueses em Macau?

PROFA. DRA. MARIA ANTONIA ESPADINHA — Vou cingir a resposta exatamente ao curso de licenciatura em Estudos Portugueses, deixando de parte o ensino da língua portuguesa aos estudantes de Direito em chinês e, como disciplina de opção, aos alunos de todas as faculdades da Universidade de Macau. A maior parte dos alunos que frequentam a licenciatura não tem qualquer conhecimento prévio de português. Nos primeiros dois anos de estudo (a licenciatura é de quatro anos), privilegia-se uma abordagem comunicativa, e os alunos deverão, no final desses dois anos, dominar razoavelmente as quatro competências e ter ultrapassado o nível limiar. No processo de ensino-aprendizagem, uma das dificuldades pode ser definida na fonética, em especial na articulação de alguns fonemas que não existem ou não têm importância fonêmica na língua chinesa (cantonense e mandarim). A estrutura morfossintática traz também alguns problemas, tal como a própria cosmovisão dos alunos. Não se trata apenas de aprender sons, vocábulos e estruturas. Os professores do departamento são, desde sempre, detentores de formação académica adequada e grande dedicação ao ensino. Nos últimos anos tem aumentado o número de

doutorados e mestres em áreas da Linguística Aplicada relevantes para a melhoria do ensino. Contudo, gostaria de salientar o empenho e o rigor científico que sempre foram característicos dos nossos professores, sempre atentos aos novos métodos e teorias, sempre prontos a usar as novas tecnologias ao serviço do ensino de PLE. Os alunos de Estudos Portugueses são quase exclusivamente jovens de etnia chinesa, de Macau ou da República Popular da China, falantes, portanto de Cantonense ou Mandarim. Há algumas diferenças nos processos de aprendizagem de uns e de outros, mas estas são conciliáveis. É importante mencionar que temos também, desde o início cursos de mestrado e, mais recentemente, de doutoramento.

CPLP — Comente o enfoque dado, o currículo trabalhado, os problemas e facilidades durante o curso.

MARIA ANTONIA — Atualmente valoriza-se essencialmente o ensino da língua, numa perspectiva eminentemente comunicativa, tendo em vista o mercado de trabalho que a maior parte dos estudantes pretende atingir. Privilegia-se também a tradução, pelos mesmos motivos. Há uma tendência em desvalorizar os aspectos culturais que me preocupa sobremaneira. Transformando em opcionais disciplinas como literatura e história, parece-me

“A maior parte dos alunos que frequentam a licenciatura não tem qualquer conhecimento prévio de português. Nos primeiros dois anos de estudo (a licenciatura é de quatro anos), privilegia-se uma abordagem comunicativa, e os alunos deverão, no final desses dois anos, dominar razoavelmente as quatro competências e ter ultrapassado o nível limiar”.

que o currículo fica muito empobrecido. Extremamente importante é a prática, iniciada logo no primeiro curso desta licenciatura, e os alunos frequentarem um semestre letivo numa universidade portuguesa ou brasileira.

CPLP — Qual o campo de trabalho dos bacharelados e especializados no curso de português em Macau?

MARIA HELENA — Nossos estudantes completam uma licenciatura de quatro anos. O campo de trabalho mais desejado é a função pública, que absorve uma grande quantidade de licenciados. Há também alguns que optam pelo ensino (PLE) e outros trabalham para companhias, escritórios de advogados etc. Um número diminuto, mas interessante, dos nossos licenciados vai estudar Direito, isto é, usa uma licenciatura como ponto de partida para outra, em língua portuguesa, que requer bons conhecimentos da nossa língua.

CPLP — Como é refletir sobre a cultura de expressão portuguesa longe da metrópole que é referência produtora dessa cultura?

MARIA HELENA — A cultura de Macau tem sido marcadamente influenciada pela cultura portuguesa, pois não é impunemente que ela se exerce durante quase 450 anos. É natural que outras culturas, lusófonas e não lusófonas, tenham exercido também influência em Macau, especialmente durante o último século. A diáspora macaense, nomeadamente no Brasil, reflete-se necessariamente em Macau. Por outro lado, Macau sempre foi um cadinho onde se amalgamam gentes e culturas de vários povos e, nos últimos quarenta anos, tem sido significativo o afluxo de falantes de português provenientes de quase todos os países. Estando longe da(s) metrópole(s) talvez seja mais fácil valorizar alguns aspectos das culturas de referência e ver quanto outros são frágeis. Vejo na comunidade macaense uma forte influência portuguesa uma também grande vontade de conservá-la.

CPLP — Qual o espaço que os demais países de expressão portuguesa ocupam no curso em Macau?

MARIA HELENA — São referenciados nos estudos de História. As disciplinas de Literatura contemplam, em pé de igualdade, as literaturas de todos os países de língua portuguesa. Os aspectos culturais são largamente referenciados. Havendo professores brasileiros, é óbvio que os alunos estão também em contacto com a língua portuguesa do Brasil.

CPLP — Quem são hoje as personalidades macaenses que se expressam em português e como elas definem a identidade cultural de Macau?

MARIA HELENA — Diria que são, em especial, as elites que



fizeram estudos superiores em Portugal, especialmente advogados, médicos, professores e quadros superiores da Função Pública. Há também os escritores. Henrique de Senna Fernandes, autor de romances e contos, é uma referência incontornável. A cidade e o território de Macau ganham vida nos seus textos, a textura social, as tradições e os conflitos ensinam-nos muito sobre esta comunidade. Uso “macaense” no sentido restritivo que esta palavra tem em Macau. Macaense é euro-asiático, melhor, luso-asiático, geralmente descendente de famílias ilustres. A identidade cultural de Macau é, creio, difícil de definir, mais ainda pelos macaenses. Estes orgulham-se das suas raízes portuguesas, que muito prezam, mas consideram-se “diferentes” por serem de Macau.

CPLP — Sendo o português uma língua da minoria em Macau, qual a sua opinião sobre ele no futuro da identidade macaense?

MARIA HELENA — Creio que continuará a “fazer a diferença”. Será, por um lado, uma língua de cultura e, por outro, o elo que permite os negócios com os países em que é língua oficial.

“Ao longo de décadas Portugal tem desenvolvido uma política de divulgação da língua e da cultura portuguesas, nomeadamente “oferecendo” a várias universidades Leitores e Professores de Cultura Portuguesa, pagos por Portugal”.

CPLP — Ao seu parecer, qual é a contribuição da expressão portuguesa no Oriente para o conjunto dos Estudos Portugueses?

MARIA HELENA — Destacaria os textos (poesia e ficção) de autores macaenses, a existência de um crioulo de base portuguesa (língua maquista/ patuá), que está a ser estudado e que se pretende venha a ser considerado “patrimônio intangível”. Gostaria ainda de referir os documentos existentes no arquivo histórico. Considero patuá o elemento único.

CPLP — Apesar de a língua portuguesa ser uma das mais faladas no mundo e ter muita proximidade com o espanhol, uma das línguas dominantes no cenário econômico e cultural, ainda está à margem da comunidade científica e econômica. Em alguns países da Europa, mostra-se pouco interesse pelo português: as editoras poucos investem, os cinemas raramente exibem filmes atuais, os jornais pouco informam sobre acontecimentos relevantes, as escolas públicas fecham cursos e assim por diante. Como você vê essa situação?

MARIA HELENA — Vejo-a com desgosto, mas confio na alteração destes fatores a médio prazo. Por outro lado, vejo-a também como um desafio que nos obrigará a trabalhar mais, a produzir e adaptar materiais e a “didatizar” muitos textos e documentos autênticos. Acho pena que o português não consiga ganhar terreno como língua científica. Em Portugal assiste-se a uma “sangria” de jovens investigadores que são atraídos para outros países.

CPLP — Como aumentar a atratividade da língua portuguesa no mundo?

MARIA HELENA — Gostaria de ter uma resposta a esta pergunta. De momento, limito-me a uma palavra: insistindo. Ao longo de décadas Portugal tem desenvolvido uma política de divulgação da língua e da cultura portuguesas, nomeadamente “oferecendo” a várias univer-

sidades Leitores e Professores de Cultura Portuguesa, pagos por Portugal. Tive a oportunidade de abrir um desses “Leitorados” na Universidade de Salzburg. Na altura (1972), havia apenas um Leitorado (Viena) e o seu titular deslocava-se semanalmente a Graz. O leitorado de Salzburg abriu caminho a uma expansão dos Estudos Portugueses. Foi a primeira universidade austríaca a oferecer doutoramentos em Português e a conferir o grau. Mantém ainda um grupo de lusitanistas.■

O CRIOULO DE MACAU

Algumas palavras e expressões do crioulo de Macau com suas respectivas traduções em português:

Nhônha = mulher nova

Chácha = avó, mulher idosa

Chcha di casa = a senhora mais idosa da família

Chareta = traseiro, nádegas

Gurunhá = resmungar, queixar-se em voz baixa

Águ-chêro = perfume

Azinha = depressa

Azinha azinha = muito depressa

Fula = flor

Olôtro já cortá saia até chareta = deram um corte à saia até à altura das nádegas

Êle mãm fichado qui fichado, nádi gasta sapeca = Ele é muito avarento, Não gasta nem um centavo

Nuncassá (ou nancassá) = Não é preciso

Passá fora, na! Nê-bom sarneâ iou = Vai-te embora. Não me maces!

** Simone Malaguti é graduada em em Português e Alemão pela Universidade de São Paulo e Universität Freiburg na Alemanha, com mestrado na Universidade de São Paulo e doutorado em Literatura e Cinema pela Universität Kassel, na Alemanha. Trabalha como tradutora, docente e assistente em projetos de PLE para editoras.*